

# Oséias 11:1

João Calvino

Tradução: Vanderson Moura da Silva

Querendo Deus, até o final do ano o *Monergismo.com* disponibilizará o comentário do grande Reformador João Calvino sobre o livro de Oséias, que com a bênção de Deus equipará os seus santos para a luta pela defesa do Evangelho genuíno.

Esse comentário é duplamente bem-vindo: primeiro, por proceder da pena magistral de Calvino; segundo, pela falta de comentários fiéis dos livros do Antigo Testamento disponível em português.

Abaixo, um pequeno trecho para apreciação dos leitores.

Em Cristo,

Felipe Sabino

“Quando Israel era um menino, eu o amei, e chamei meu filho do Egito” (Oséias 11:1).

Deus, aqui, protesta contra o povo de Israel pela ingratidão. A obrigação desse era dupla, pois Deus adotara-o desde o primeiríssimo início, quando não havia nenhum mérito ou valor no povo. De fato, era outra a condição desse, ao ser emancipado dos seus trabalhos servis no Egito? Indubitavelmente, eles pareciam, então, como um homem meio morto ou uma ossada podre; pois não possuíam vigor algum remanescente neles. O Senhor, pois, estendeu sua mão ao povo quando esse estava em um tão desesperado estado, puxou-o, por assim dizer, do túmulo, e restaurou-o da morte para a vida. Porém, o segundo não reconhecia isso um tão maravilhoso favor de Deus, mas, logo depois, petulantemente, deu as costas a ele. Que malvadez era essa, e quão vergonhosa imoralidade, dar as costas, assim, ao autor da vida e da salvação deles? O Profeta, portanto, realça o pecado e a

vileza do povo com esta circunstância, que o Senhor amara-os ainda na infância; *quando*, ele diz, *Israel ainda era uma criança, eu o amei*. O nascimento do povo foi sua saída do Egito. O Senhor, deveras, celebrara seu concerto com Abraão quatrocentos anos antes; e, como conhecemos, os patriarcas também foram reputados por ele como seus filhos: mas Deus queria que sua Igreja fosse, por assim dizer, extinta, quando a redimiu. Desse modo, a Escritura, quando fala da libertação do povo, amiúde se refere àquela mercê divina como que de alguém trazido para o mundo. Não é, por conseguinte, sem razão que o Profeta lembra o povo, aqui, de que esse fora amado quando na meninice. A prova de tal amor era que fora trazido do Egito. O amor precedera, como a causa vem sempre antes do efeito.

Mas o Profeta expande o argumento: *Eu amei Israel, precisamente quando ele ainda era uma criança; eu o chamei do Egito*; ou seja: “Eu não só amei-o quando criança, mas, antes que tivesse nascido, eu comecei a amá-lo; pois a libertação do Egito foi o nascimento, e meu amor precedeu esse. Então, fica claro que o povo havia sido amado por mim, antes que viesse à luz; pois o Egito era como uma tumba sem qualquer centelha de vida; e a condição em que esse povo miserável estava era pior do que duzentas mortes. Então, ao chamar meu povo do Egito, eu provei satisfatoriamente que meu amor foi gratuito, antes deles nascerem”. O povo, por isso, era menos desculpável quando retribuiu a Deus com uma tão indigna recompensa, visto que esse tinha, anteriormente, conferido seu livre favor sobre eles. Compreendemos, agora, o sentido dado pelo Profeta.

Mas aqui se levanta uma questão difícil; pois Mateus, no capítulo segundo, acomoda essa passagem à pessoa de Cristo. Aqueles que não são bem versados na Escritura, confiantemente, aplicam esse ponto a Cristo; todavia, o contexto se opõe a isso. Por esse motivo, ocorreu de os escarnecedores haverem tentado perturbar toda a religião de Cristo, como se o Evangelista tivesse aplicado erroneamente a declaração do Profeta. Dão uma resposta mais conveniente aqueles que dizem que, nesse caso, há somente uma comparação: como quando uma passagem de Jeremias é citada em outro lugar, quando a crueldade de Herodes — o qual se enraiveceu contra todos os infantes de seu domínio, abaixo de dois anos de idade — é mencionada: ‘Raquel, chorando os filhos dela, não quis receber consolação, pois que eles não existem’ (Jr 31.15.) O Evangelista diz que tal profecia foi cumprida (Mt 2.18.) Mas é certo que o objetivo de Jeremias era outro; contudo, nada impede que tal declaração seja aplicada ao que Mateus relata. Assim entendem essa passagem. Não obstante, penso que Mateus tenha considerado mais profundamente o propósito de Deus ao ter levado Cristo para o Egito, bem como seu retorno posterior à Judéia. Em primeiro lugar, deve ser lembrado que Cristo não pode ser separado de sua Igreja, visto que o corpo ficará mutilado e imperfeito sem uma cabeça. Tudo o que ocorreu outrora à Igreja,

devia, por fim, ser cumprido pela cabeça. Isso é uma coisa. Então, não há dúvida alguma de que Deus, em sua maravilhosa providência, tencionava que seu Filho partisse do Egito para que fosse um redentor para os fiéis; e, dessa forma, ele indica que uma libertação verdadeira, real e perfeita foi, finalmente, efetuada, quando o Redentor prometido surgiu. Foi, pois, o pleno nascimento da Igreja quando Cristo partiu do Egito para redimi-la. Assim, em minha opinião, é insípido demais aquele comentário que adota a idéia de que Mateus fez apenas uma comparação. Pois convém a nós considerar isto, que Deus, quando dantes resgatou seu povo do Egito, somente provou, através de um indiscutível proêmio, a redenção que ele protelou até a vinda de Cristo. Por isso, como o corpo foi, pois, trazido do Egito para a Judéia, assim, finalmente, a cabeça também saiu do Egito: e, então, Deus revelou plenamente ser ele o verdadeiro libertador de seu povo. Eis, então, o significado. Mateus, portanto, com a maior propriedade, acomoda essa passagem a Cristo, que Deus amou seu Filho desde sua primeira infância e o chamou do Egito. Ao mesmo tempo, sabemos que Cristo é denominado o Filho de Deus em um aspecto diferente do povo de Israel; pois a adoção fez dos filhos de Abraão os filhos de Deus, mas Cristo é, por natureza, o unigênito Filho de Deus. Contudo, a dignidade dele deve permanecer na cabeça, para que o corpo continue em seu estado inferior. Não há, pois, nada incoerente nisso. Porém, quanto à acusação de ingratidão, que tão grande mercê de Deus não fosse reconhecida, isso não pode ser adaptado à pessoa de Cristo, como bem conhecemos; tampouco é necessário, nesse sentido, aludir a ele; pois vemos, a partir de outros lugares, que nem tudo que é dito de Davi, do sumo sacerdote ou da posteridade davídica se aplica a Cristo; malgrado fossem tipos de Cristo. Porém, há sempre uma grande diferença entre a realidade e seus símbolos.

**Fonte:** *Comentário sobre Oséias* [no prelo], João Calvino, *Monergismo.com*